

EIXO: PROPOSIÇÃO

**A VIDA COMO ELA É:  
A COMUNIDADE COMO BASE PARA INVESTIGAÇÃO PROJETUAL**

Rinaldo Barbosa

Arquiteto (UFRGS/1987), Especialista em Arquitetura de Interiores (UNIRITTER/2001), Mestre em Arquitetura (PROPAR/UFRGS/2005), professor assistente do Centro Universitário Feevale.

Rua Felicíssimo de Azevedo, 325. CEP 90540-110. Porto Alegre – RS  
[rinaldo@feevale.br](mailto:rinaldo@feevale.br); [arq.rinaldo@gmail.com](mailto:arq.rinaldo@gmail.com)

Ana Carolina Pellegrini

Arquiteta (UFRGS/1999), Mestre em Arquitetura (PROPAR/UFRGS/2003), professora adjunta do Centro Universitário Feevale.

Rua Sen. Annibal di Primio Beck, 365. CEP 90480-180. Porto Alegre – RS  
[anapel@feevale.br](mailto:anapel@feevale.br)

Luciana Néri Martins

Arquiteta (UNISINOS/1996), Mestre em Engenharia Civil (UFSC/2001), Doutora em Educação (Universitat de les Illes Balears – UIB/ESPANHA/2009), professora adjunta do Centro Universitário Feevale

Rua Manoel de Macedo, 155. Morro do Espelho. CEP 93030-040. São Leopoldo - RS  
[lmartins@feevale.br](mailto:lmartins@feevale.br)

**Resumo:**

A forma é fundamental quando se fala sobre arquitetura. Entretanto, não deve resumir-se à pesquisa formalista, parnasiana, mas sim, resultar da experiência com o mundo real, com suas carências e riquezas. Compreender as reais demandas da sociedade para a qual se projeta é premissa básica para que o arquiteto projete e planeje com competência.

A educação de profissionais críticos e conscientes, comprometidos com o bem-estar social, é a mais importante contribuição que a universidade pode proporcionar à comunidade. Esse compromisso passa pelo esforço de relacionar a academia com a comunidade a partir das ações extensionistas e do intercâmbio de conhecimento.

Esse trabalho pretende socializar a experiência do projeto de extensão Arquitetura e Comunidade, desenvolvido por estudantes, professores e diversos grupos da sociedade organizada, no âmbito de nosso Curso de Arquitetura e Urbanismo.

As atividades envolvem estudos acadêmicos, pesquisa e projetos, os quais objetivam refletir sobre os problemas sociais e colaborar para minimizá-los.

A idéia é a de que o papel social do arquiteto pode ser explorado na academia, como arquiteto-professor, não apenas preocupado em transmitir o saber teoricamente, mas também com o empírico exercício de cidadania.

A vantagem desta atividade de extensão é trabalhar com as possibilidades oferecidas pelo mundo real, sem as limitações impostas por ele. As soluções apresentadas pelos alunos no âmbito do projeto Arquitetura e Comunidade são submetidas, mas, ao mesmo tempo, estimuladas pela consciência social.

O compromisso com a "temática social", à qual tantos grandes nomes da academia são velada ou explicitamente avessos – talvez por acreditarem que condiciona resultados projetuais medíocres – não implica simplificação do projeto ou padronização das formas. Pelo contrário: é possível aprender e aprimorar o repertório arquitetônico a partir das vivências junto a comunidade.

**Palavras-chave:** Rede; Comunidade; Realidade; Proposição (eixo)

**Abstract:**

The form is very important when the subject is architecture. However, it should not be only the result of formalist research, but of the experience of the real world, with its cultural lacks or wealth. Understanding the real demands of the society for which one intends to project is a basic premise to an architect's competent way of plan and project.

The education of conscious and critical professionals, compromised with the social well-being, is the most important contribution that the university can provide to its community. This compromise passes by the effort of bring together academy and society through the extension activities and the exchange of knowledge.

This work intends to socialize the experience of the extension project Architecture and Community, developed with students, professors and associated groups of the deprived society, in our Architecture and Urbanism course.

The activities involve academic studies, researches and projects whose aim to reflect about and collaborate to minimize the problems of the social issues.

The idea is that the social role of the architect can be explored inside the academy, as an architect-professor, not only worried about the transmission of a theoretical knowledge, but concerned with an empirical exercise of citizenship.

The advantage of this extension activity is to work with the possibilities offered by the real world, without the limitations imposed by it. The solutions presented by the students in the scope of the project Architecture and Community are submitted and, but at the same time, stimulated by social consciousness. Despite the idea of many people in the academic world, the compromise with the social issues doesn't compel mediocre projects. Otherwise, it's possible learn and improve the architectonic repertory based on the experiences with the community.

**Keywords:** Network; Community; Reality; Proposition (axis)

## RESUMEN

La forma es fundamental cuando el tema es la arquitectura. Sin embargo, no debe ser sólo el resultado de la investigación formalista, pero si, ser el resultado de la experiencia con el mundo real, con sus debilidades y riquezas culturales. La comprensión de las demandas reales de la sociedad para cual se diseña es una premisa básica para que un arquitecto proyecte y planifique con calidad.

La educación consciente y crítica de profesionales, comprometida con el bienestar social, es la contribución más importante que la universidad puede aportar a su comunidad. Este compromiso pasa por el esfuerzo de reunir a la academia y la sociedad a través de las prácticas extracurriculares y el intercambio de conocimientos.

Este trabajo tiene intención de socializar la experiencia del proyecto de extensión Arquitectura y Comunidad, desarrollado por estudiantes, profesores y grupos asociados de la sociedad privada.

Las actividades que implican los estudios académicos, investigaciones y proyectos, que tienen como objetivo reflexionar y reducir al mínimo los problemas sociales. La idea es que la función social del arquitecto puede ser explotado en el interior de la academia, como arquitecto-profesor, no solamente preocupado por la transmisión del conocimiento teórico, pero si, con el ejercicio empírico de la ciudadanía.

La ventaja de esta actividad es ampliar el trabajo con las posibilidades que ofrece el mundo real, sin las limitaciones impuestas por elle. El compromiso con la "temática social", a la que tantos grandes nombres de la academia son velada o tiene explícita aversión - quizás por creer de que los resultados proyectuales son malos - no significa simplificar el diseño y la estandarización de formas. Incluso al contrario: es posible aprender y mejorar el repertorio de arquitectura a partir de las vivencias y experiencias junto de la comunidad.

**Palabras-llave:** Medio Ambiente; Cognición; Horizonte; Red; Comunidad; Reality; Proyecto

## **A VIDA COMO ELA É: A COMUNIDADE COMO BASE PARA INVESTIGAÇÃO PROJETUAL**

Sabe-se que uma das grandes críticas em relação à atividade desenvolvida no meio acadêmico, quando se fala em arquitetura, gira justamente em torno do caráter elitista que a profissão tem assumido, e da (falta de) socialização da produção, que, muitas vezes, fica retida dentro dos muros da própria instituição, sem oferecer o devido retorno à sociedade. A separação de papéis sacramentada por Alberti no tratado *De Re Aedificatoria*, ainda no século XV, segundo a qual ao arquiteto cabia o trabalho nobre de conceber o edifício no âmbito das idéias, enquanto ao operário tocava apenas o trabalho manual, sem a demanda do esforço intelectual, ecoa até hoje não apenas no meio acadêmico, mas também por toda a sociedade. Desde que Alberti promoveu a arquitetura a uma arte liberal, e que voltou o seu discurso ao público capaz de encomendar e financiar seus projetos, a sociedade – principalmente suas camadas de menor poder aquisitivo – tem carecido do trabalho do arquiteto.

*"O tratado, escrito em latim, tinha como alvo a população culta que patrocinava as artes e a arquitetura. Com o intuito de formar uma nova clientela que entendesse, patrocinasse e consumisse a nova arquitetura moderna do século XV, logo se fez necessária a sua tradução para o italiano" (BARBOSA; MANENTI, 2008, p. 40)*

Desfazer tais idéias e quebrar padrões há muito estabelecidos no meio profissional não são tarefas fáceis. Se o mito da arquitetura voltada exclusivamente para a elite puder ser desfeito ainda na etapa estudantil, o resultado será a formação de uma nova classe de profissionais, mais envolvidos na promoção do bem-estar social, tomando como sujeito principal deste processo o usuário, independentemente de seu poder aquisitivo ou grau de instrução.

Valendo-se das atividades de ensino, indissociadas das práticas de extensão e pesquisa, a proposta pedagógica do Curso<sup>1</sup> visa a formar profissionais com sólidos conhecimentos técnicos e visão humanista, conscientes do caráter social e ambiental da Arquitetura, críticos e reflexivos, capazes de atuar em diversos âmbitos, e trabalhar com diversos públicos.

A proposta pedagógica do Curso e, conseqüentemente, das atividades do projeto de extensão Arquitetura e Comunidade, apresentado neste texto, propõe a construção da formação acadêmica a partir das realidades locais, integrando o contexto regional com o global. Através de parcerias com instituições não-governamentais,

---

<sup>1</sup> A fim de manter o anonimato da autoria na etapa classificatória, não revelamos o nome do curso em questão (ao qual estão vinculados os autores), optando por chamá-lo simplesmente "Curso". Na eventualidade da publicação deste texto, entretanto, o nome do curso pode ser verificado na filiação dos autores.

associações de moradores, prefeituras e iniciativa privada, o projeto desenvolve diversas atividades que buscam a articulação entre a teoria e a prática, fazendo com que se complementem e impulsionem a formação do conhecimento, predispondo o futuro profissional ao interesse pelas questões sociais.

Assim, as ações de extensão do Curso oportunizam a participação em projetos, programas e atividades extensionistas como forma de privilegiar a relação entre teoria e prática no percurso de formação dos acadêmicos. Na extensão, o ponto de partida é a prática, geralmente junto à comunidade, através da qual se chega à formulação teórica que, ao final do processo, visa a retornar o conhecimento construído à sociedade. Logo, o esforço para inverter a renascentista separação de atividades está justamente em articular, combinar a experiência – a prática – com o trabalho intelectual.

Dentre as diferentes áreas temáticas adotadas no âmbito extensionista pelo Centro Universitário, o Curso investe em projetos que valorizem e difundam o papel social da profissão, buscando confrontar os estudantes com a realidade que será cenário de sua responsável e comprometida atuação na condição de profissionais.

*"Esta relação entre inquietações teóricas e estratégias criativas que se enlaçam em torno da ênfase na interpretação da sociedade implica, também, levar a arquitetura à escala de cidade, e supõe tomar os desejos e símbolos das sociedades como ponto de partida para uma obra que, ao ter mais relação com a realidade, poderia ser mais popular e comportar mais responsabilidades." (MONTANER, 2008, p. 91)*

Desta maneira, o Projeto de Extensão "Arquitetura e Comunidade" objetiva proporcionar aos acadêmicos o aprendizado através da prática, qualificando o ambiente construído (e, por conseguinte, a vida dos habitantes) da região a partir da aproximação dos estudantes com a comunidade, promovendo ações que colaborem para a solução de problemas reais, relativos às demandas pela arquitetura e pelo urbanismo. O projeto visa, ainda, a educar estudantes conscientes do papel social da profissão, desenvolvida especialmente a partir do contato direto com populações de baixo poder aquisitivo, contribuindo para a qualificação da vida, do espaço construído e natural, visando à sustentabilidade ambiental, cultural e econômica das comunidades.

As atividades do projeto envolvem a realização de levantamentos, estudos projetuais arquitetônicos e urbanísticos (sempre assistidos pelos professores), pesquisa aplicada à extensão (primária e secundária) além de trabalhos de socialização do conhecimento produzido.

O processo de trabalho adotado nas ações do projeto inicia, quase sempre, com a pesquisa de campo. Desta forma, os acadêmicos podem conhecer uma realidade

que, apesar de divulgada pelos meios de comunicação, dificilmente é vivenciada por eles de maneira direta. Aos dados levantados na fase inicial, junto da comunidade, são somadas as informações adquiridas através da pesquisa secundária, assessorada pelos professores orientadores, a qual consiste na consulta a bibliografia e a instituições como prefeituras, associações de bairro, etc. Os projetos – sejam eles arquitetônicos ou urbanísticos – são elaborados segundo o diagnóstico construído a partir da pesquisa primária.

Para a elaboração dos programas a serem trabalhados nos projetos desenvolvidos na extensão, é fundamental o contato com a realidade e com a comunidade à qual as atividades se direcionam. A construção conjunta do programa é uma das fases de projeto, que não se resume à elaboração de lista de necessidades a ser cumprida. O programa deve ser analisado, interpretado e, quando necessário, reformulado. Ou seja, é projetado também. Para a interpretação correta das necessidades a serem atendidas é essencial a participação e a intervenção dos futuros beneficiários, que se tornam protagonistas deste processo. Desta forma, a comunidade é base para a investigação projetual, mas também definidora e colaboradora na programação do projeto.

*"Esta intervención directa de los futuros beneficiarios es fundamental para la programación y lleva el nombre de participación. Sin embargo las técnicas para lograrla aún están muy lejos de hallarse a punto, tanto más cuando en la mayoría de los casos de estuallan en al misma participación los conflictos entre clientela política y beneficiario que normalmente quedan en la oscuridad, sofocados por la intervención que parte de arriba. El arquitecto tradicional puede pasar un mal trago en las reuniones de participación porque debería despojarse – y no es fácil – de su superestructura de intelectual "culto" y sensible a la arquitectura como hecho estético y a la proyectación como modo de expresar su personal concepción del mundo y de la arquitectura misma." (Quaroni, 1987, p. 35)*

O trabalho não se resume à prestação de serviços para comunidade (até porque a prioridade na escolha das atividades é o aprendizado dos acadêmicos), mas sim objetiva a oportunização de discussão e a reflexão a respeito do tema social.

Evidentemente, a comunidade envolvida recebe a contrapartida do trabalho, que costuma favorecer a organização de cada grupo social beneficiado em relação a demandas como regularização de áreas invadidas, encaminhamento de financiamento para habitação popular, recebimento de verbas para construção de centros comunitários, etc. A última etapa metodológica do projeto consiste na socialização dos resultados, seja através da participação em congressos ou da coleção de livros Bloco, cujos volumes são publicados anualmente e inteiramente produzidos no âmbito do projeto, com a participação dos estudantes.

## **Algumas das atividades desenvolvidas**

Partindo da premissa de colaborar exclusivamente com grupos sociais coletivamente organizados e comprovadamente carentes, a primeira comunidade com a qual o projeto trabalhou, no ano de 2003, foi a Horta Comunitária Joanna De Ângelis. A "Horta", como é conhecida na região, é uma instituição sem fins lucrativos, que beneficia crianças, jovens e adolescentes carentes, os quais participam, no turno inverso ao escolar, de cursos de informática, floricultura e artesanato. O trabalho implicou visitas ao local, reuniões com a coordenação da instituição, dinâmicas de grupo com os adolescentes, levantamento planialtimétrico do terreno e, finalmente, o desenvolvimento do estudo preliminar para o projeto da área de convívio, que contaria com arquibancadas, pista de *skate*, palco para apresentações, mesas de jogos, além de um pequeno estúdio de rádio.

No ano de 2004, o Curso foi procurado pela associação de moradores da comunidade situada ao lado de um dos *campi* do Centro Universitário. Depois de algumas reuniões, procedeu-se o levantamento planialtimétrico de toda a área ocupada (o local seria destinado a uma praça da cidade, mas foi, paulatinamente, invadido pelos moradores atuais) pela vila, com vistas a auxiliar a comunidade na composição da documentação necessária ao encaminhamento judicial da regularização dos terrenos, que não eram de propriedade dos moradores. O projeto realizou, ainda em parceria com a associação de moradores da vila, levantamento e estudo para compartimentação e reforma do galpão da associação de moradores, que vinha sendo utilizado para atividades com as crianças da comunidade, mas não apresentava condições salubres de ocupação.

Outra comunidade com a qual o projeto trabalhou, também com vistas à colaboração no levantamento das condições de ocupação do lugar e da regularização dos lotes, foi a chamada "Grande Gala". O objeto do trabalho era uma antiga fábrica de calçados abandonada, que, há muito, fora ocupada pelos ex-funcionários da empresa. Para adequarem o local à moradia, "lotearam" o galpão da fábrica sob a forma de pequenos apartamentos e ali permaneceram durante décadas até que o edifício de madeira encontrou-se a ponto de ruir e deixar pelo menos dez famílias desabrigadas. Além dos moradores do prédio, havia as novas residências construídas no entorno da antiga fábrica, as quais formavam uma vila informal que carecia de regularização.

É importante salientar que os levantamentos topográficos mencionados sempre contaram com a coordenação dos professores responsáveis pelo Laboratório de Geoprocessamento e pela disciplina de Topografia do Curso, o que contribui para o caráter interdisciplinar que se pretende dar ao projeto de extensão.



Como fica claro até aqui, inicialmente, as atividades do projeto Arquitetura e Comunidade focaram-se mais na elaboração de levantamentos do que na experiência projetual propriamente dita. Duas são as principais razões para tal. Primeiramente, a natural hesitação de quem está começando um trabalho relativamente pioneiro e a pouca participação dos estudantes no projeto, dado o perfil dos alunos que procuravam o Curso – freqüentemente residentes em outras cidades da região, o que dificultava o deslocamento para escola fora dos horários de aula (quando são realizadas as atividades do projeto). Costumeiramente, os estudantes que procuravam as vagas de estagiários ou bolsistas eram os do início do curso, portanto, sem a formação mínima para desenvolver a atividade de projeto. A outra razão relaciona-se à desaprovação até pouco tempo manifestada pelo Conselho Regional de Arquitetura e Urbanismo em relação a atividades dessa natureza. O mais freqüente argumento era o de que, se desenvolvesse projetos, a universidade praticaria concorrência desleal aos demais profissionais. No entanto, depois de algumas reuniões entre a inspetoria regional do conselho e a coordenação do Curso, o assunto foi sendo amadurecido e parece ter ficado claro que a intenção era a de trabalhar com comunidades essencialmente carentes e coletivamente organizadas, as quais, dificilmente, teriam condições de contratar um profissional de arquitetura e/ou urbanismo.

O entendimento e respaldo do CREA local somou-se à gradativa mudança de perfil dos alunos ingressantes na escola. Cada vez mais, têm-se apresentado estudantes com mais tempo para dedicar às atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como candidatos a trabalhar no projeto de extensão curricularmente mais adiantados. Aos poucos, portanto, foram se tornando possíveis as ações de projeto propriamente ditas, com a participação dos alunos orientados pelos professores.

Atualmente o projeto de extensão conta ainda com o respaldo da Lei Nº 11.888/08, que assegura às famílias de baixa renda o direito à arquitetura e institui a assistência técnica gratuita para a construção de interesse social. Uma das modalidades previstas em lei para a assistência são as atividades extensionistas dos cursos de arquitetura.

*Art. 1º Esta Lei assegura o direito das famílias de baixa renda à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia previsto no [art. 6º da Constituição Federal](#), e consoante o especificado na [alínea r do inciso V do caput do art. 4º da Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001](#), que regulamenta os [arts. 182 e 183 da Constituição Federal](#), estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.*

*Art. 5º Com o objetivo de capacitar os profissionais e a comunidade usuária para a prestação dos serviços de assistência técnica previstos por esta Lei,*

*podem ser firmados convênios ou termos de parceria entre o ente público responsável e as entidades promotoras de programas de capacitação profissional, residência ou extensão universitária nas áreas de arquitetura, urbanismo ou engenharia.*

*Parágrafo único. Os convênios ou termos de parceria previstos no **caput** deste artigo devem prever a busca de inovação tecnológica, a formulação de metodologias de caráter participativo e a democratização do conhecimento.*

### **Projetando com a comunidade**

A comunidade da região do Curso também figurou como tema de dois projetos participantes de concursos estudantis. O primeiro, enviado para o Concurso de Estudantes da Sexta Bienal de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, em 2005, foi premiado com menção honrosa e apresentava investigação sobre soluções inovadoras para o problema da habitação social. O referido projeto, de caráter investigativo e especulativo, tratava não apenas das questões formais e tecnológicas, mas apostava na inclusão social a partir da educação, prevendo implantação de escolas de ensino básico, médio e técnico, a fim de compor um ciclo que se completava pela proximidade com o próprio Centro Universitário do qual o Curso é oriundo. O segundo projeto foi enviado para o Concurso Pré-Fabricados de Concreto 2005, e também elegeu como protagonistas os moradores da humilde vila vizinha ao Centro Universitário. A idéia foi abordar o tema da tecnologia da construção à luz do problema social, apresentando, além da solução estrutural, um plano que aproximasse a academia da comunidade, já que o projeto previa a construção de unidades de habitação social, casa do estudante e centro de prestação de serviços comunitários, o qual seria mantido pela instituição de ensino.

No período letivo de 2007/1, o Projeto Arquitetura e Comunidade, sempre com a participação dos acadêmicos, passou a desenvolver estudos para um novo local de convívio para o Loteamento São Guilherme, na capital do estado, através da mediação da Secretaria de Governança da Prefeitura Municipal. Dos líderes da comunidade partiram as demandas programáticas para o Centro Comunitário: uma edificação de pequeno porte que abrigasse: salão de reuniões, serviço médico e setor educacional, prevendo duas salas de aula, biblioteca, além de sala para informática e inclusão digital.

A fim de estender a discussão a respeito do tema e aumentar a participação dos estudantes na etapa de lançamento do projeto, organizou-se oficina aberta a todos os alunos do curso, a qual contou com a participação de estudantes de diferentes semestres. O trabalho proposto pela oficina partiu da pesquisa secundária e primária. Primeiramente, foram estudados diferentes exemplos de assentamentos informais, buscando o entendimento da forma de vida social dessas comunidades e

suas relações com seus espaços, além da análise crítica de casos de projetos de habitação coletiva. Ainda na primeira etapa do trabalho, foram estudadas técnicas construtivas adequadas ao contexto de intervenção. A segunda etapa do trabalho consistiu em visitas ao local e entrevistas com moradores, visando a conhecer mais a fundo as condições e modo de vida da população.

Uma vez preparados teoricamente, os alunos da oficina participaram do desenvolvimento do estudo arquitetônico, com o lançamento de propostas e partidos, até que as qualidades identificadas em cada estudo fossem sintetizadas em uma proposta de convergência. Este estudo passou a ser amadurecido *a posteriori* pelos bolsistas do projeto Arquitetura e Comunidade, sob orientação dos professores responsáveis, até que foi apresentado à comunidade para fins de discussão e adequação.

Em Dezembro de 2007, um grupo de alunos acompanhados pelos orientadores do projeto de extensão participou da solenidade de entrega do estudo para a comunidade, consolidando parceria com a Prefeitura Municipal e com os líderes comunitários. A oportunidade foi importante para que os estudantes participassem do fechamento do ciclo de projeto, além de devolver à comunidade o resultado de seu trabalho em âmbito acadêmico.

No ano de 2008, o Arquitetura e Comunidade foi procurado pela organização não-governamental Projeto Vida, situada no bairro mais violento da cidade, a qual se ocupa de 43 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na faixa entre 6 e 14 anos. O principal objetivo da ONG é garantir a proteção integral às crianças atendidas no turno contrário ao escolar, por meio de oficinas, com vistas à diminuição da criminalidade, investindo na qualidade de vida. Depois de diversas reuniões, o método de trabalho apresentado anteriormente foi novamente o fio condutor das atividades, que objetivavam, a partir da pesquisa de campo e da consulta à bibliografia pertinente, reunir informações suficientes para a realização de um estudo preliminar de projeto para a Nova Sede do Projeto Vida.

Os acadêmicos extensionistas tiveram a oportunidade de visitar as instalações que sediam atualmente a ONG e conversar com seus dirigentes para, juntos, definirem o programa de necessidades. Desta forma, sob a supervisão dos professores orientadores, foram surgindo os primeiros esboços de um projeto arquitetônico para a nova sede da organização. Durante todo o ano de 2008, este projeto foi o estudo principal dos bolsistas extensionistas, que estudaram referências análogas ao tema e procuraram contemplar o programa de necessidades (salas de aula e espaços multidisciplinares para 100 crianças nos dois turnos; restaurante com cozinha para oficinas de culinária; sanitários com vestiários; espaço para

consultórios médicos; sala da direção e profissionais da área da pedagogia, psicopedagogia e psicologia; espaço complementar externo para recreação, com uma quadra poliesportiva) compatibilizando forma, função e uma técnica construtiva pertinente às restrições orçamentárias da ONG.

O projeto arquitetônico foi aprovado na Prefeitura Municipal no início do ano de 2009. Participar da fase de aprovação de um projeto junto aos órgãos municipais foi mais uma oportunidade de aprendizado para os bolsistas, já que os trabalhos desenvolvidos em atelier, evidentemente, não chegam a avançar neste sentido. A atividade extensionista propiciou, portanto, além do contato com a realidade local, a vivência nas questões burocráticas da futura vida profissional.

Junto à comunidade, a entrega do projeto e sua visibilidade na imprensa local tem redundado em forte apelo de cidadania, conquistando novos colaboradores para causa da ONG em questão, os quais ajudarão a construção da nova sede a se tornar realidade.

Como parte integrante das atividades do projeto de extensão, os bolsistas são estimulados a participar dos Salões de Extensão e Iniciação Científica, tanto da própria instituição, como de outras unidade de ensino. A participação nestes eventos é parte complementar do aprendizado e incentivo à pesquisa. A partir da apresentação dos trabalhos, os resultados são compartilhados com a comunidade acadêmica.

### **Investigando além da forma**

Incontestavelmente, a forma é fundamental, quando se fala em arquitetura. Entretanto, é adequado que esta não seja apenas resultado de investigações e reflexões parnasianas, mas sim, da pesquisa e da vivência do mundo real, com suas carências e riquezas culturais. Entender o funcionamento e as reais demandas da sociedade para a qual se pretende projetar é fundamental premissa para que o arquiteto projete, proponha, planeje, de maneira competente.

*"El fundamental cometido de la arquitectura es el alojamiento y la integración. La arquitectura articula las experiencias del ser-en-el-mundo y fortalece nuestro sentido de realidad y del yo; no nos hace vivir en mundos de mera invención y fantasía." (PALLASMAA, 2006, p. 11)*

A vivência iniciada com a implementação dos projetos de extensão tem-se difundido cada vez mais no âmbito do ensino, por iniciativa do corpo docente – quando se trata da eleição do tema a ser tratado no semestre pelas disciplinas de projeto – ou dos discentes, principalmente quanto à escolha do tema para o

desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação e à participação em concursos estudantis.

O compromisso com a “temática social”, à qual tantos grandes nomes da academia são velada ou explicitamente avessos – talvez por acreditarem que condiciona resultados projetuais medíocres – não implica simplificação do projeto ou padronização das formas. Pelo contrário: é possível aprender e incrementar o repertório arquitetônico a partir das vivências junto a comunidade.

*“O homem do povo sabe construir, é arquiteto por intuição, não erra; quando constrói uma casa a constrói para suprir as exigências de sua vida; a harmonia de suas construções é a harmonia natural das coisas não contaminadas pela cultura falsa, pela soberba e pelo dinheiro” (BARDI, 1992, p. 7)*

Tampouco o tema desestimula ou inibe a curiosidade dos estudantes na busca pela excelência, até porque, pouco a pouco, vai ficando impossível pensar em excelência sem pensar no papel social do arquiteto e da arquitetura.

Além de estimular a prática projetual de excelência voltada a todas as camadas da sociedade, o tema da inclusão social, bem como a vivência desta realidade no âmbito acadêmico, tem estimulado os alunos a procurarem temas de interesse social para seus trabalhos finais de graduação. Como forma de incentivo a esta prática, em maio de 2009, foi desenvolvida oficina aberta aos alunos de todo o Curso. Intitulada “TFG Arquitetura x Relevância Social”, a oficina propunha o debate destes temas como forma de dar à sociedade o retorno do conhecimento gerado ao longo do curso – independentemente do caráter público ou privado da instituição de ensino, e suscitava a apresentação de soluções possíveis para a construção de um mundo mais justo e melhor. Apesar de voltada principalmente aos alunos em fase de conclusão do curso, a oficina contou com diversos alunos recém-ingressados, demonstrando o interesse e a relevância do tema para os graduandos.

“A vida como ela é”, será o que os alunos egressos dos cursos de arquitetura enfrentarão ao começarem suas carreiras, e merece estar representada – ou apresentada – nos cursos de arquitetura. Compatibilizar a problemática social com suas limitações físicas e orçamentárias é um dos condicionantes de projeto, como todos os demais abordados nas disciplinas de Projeto. Aprender com a realidade e apreender a realidade, são habilidades que devem ser cada vez mais incorporadas ao papel do arquiteto na sociedade, e, portanto, devem figurar no processo de formação dos novos profissionais.

O simples, o corriqueiro, o cotidiano, também podem ser base para um aprendizado exemplar e para projetos de excelência. Elaborar projetos complicados, programas intrincados ou de excessão, não garante o adequado aprendizado da arquitetura,

ou um bom trabalho de conclusão de curso. Construir programas e projetos baseados na realidade e no cotidiano é, sim, uma experiência de fundamental importância, dentro e fora dos atelieres de projeto.

### **Considerações Finais**

As atividades desenvolvidas pelo Projeto Arquitetura e Comunidade visam, portanto, a contemplar duas demandas principais: uma extra-institucional e a outra intra-institucional.

A primeira, diz respeito à dificuldade identificada junto à sociedade quanto ao acesso ao trabalho do arquiteto e do urbanista. Ainda que um dos mais evidentes e sérios problemas na maioria das cidades brasileiras diga respeito justamente às questões de habitação, falta de qualidade dos espaços construídos e da carência de infra-estrutura nas áreas ocupadas por populações pobres, estas questões não têm sido atendidas adequadamente pelas instâncias competentes (nem pela maioria dos cursos de arquitetura e urbanismo do país), ainda que algumas políticas públicas venham tentando contemplar esta situação. Entretanto, não há como fechar os olhos para a desqualificação não apenas da parte construída das cidades, mas também para os danos que essa situação acarreta para as paisagens naturais.

A segunda demanda aponta para a necessidade identificada entre os acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo de aprender a partir de exemplos práticos, vivenciando situações e problemas reais. Tradicionalmente, a atividade acadêmica tem-se mostrado muito comprometida com o campo teórico, mas costuma deixar a desejar quanto ao aprendizado da e na prática. No campo da arquitetura e urbanismo este desequilíbrio entre teorização e empirismo consiste em sério problema a ser superado, uma vez que a arquitetura socialmente comprometida (da qual tanto carece nosso país) só existe a partir da síntese perfeita entre essas duas dimensões, sem que uma prevaleça sobre a outra.

A atividade extensionista associada ao âmbito do ensino ainda conta com a vantagem de trabalhar com as oportunidades oferecidas pelo mundo real, sem as limitações impostas por ele, uma vez que as soluções apresentadas pelos estudantes no âmbito do Projeto de Extensão Arquitetura e Comunidade podem alçar vôo, ainda que a criatividade esteja submetida – ou seja estimulada – pela consciência social e o exercício da cidadania no contexto universitário.

*"A visão polifuncional da arquitetura abre a possibilidade de que se considere o processo de geração da forma arquitetônica como dependente de outros fatores além dos pragmáticos. A aceitação dessa idéia faz aumentar consideravelmente a possibilidade de criação de obras de arquitetura que sejam autênticos produtos culturais no sentido em que refletem uma cultura,*

*ao mesmo tempo em que são elementos no desenvolvimento dessa cultura.”*  
(MAHFUZ in COMAS, 1985, p. 51)

Entre os resultados atingidos pelo projeto até agora, pode-se destacar, além da satisfação das próprias comunidades carentes contempladas por cada ação, a formação de uma cultura acadêmica voltada para o interesse social e a contribuição para a desconstrução do caráter elitista do qual a academia historicamente foi investida. O incentivo às atividades extensionistas no âmbito universitário é um dos caminhos para a transmissão e democratização da arquitetura, sem detrimento da riqueza e excelência do resultado dos projetos. Para a comunidade, a oportunidade de ser contemplada e ser parceira no processo de produção do conhecimento acadêmico. Para os professores, um trabalho que os converte em arquitetos-educadores, comprometidos não apenas com a construção de edificações e cidades, mas de cidadãos. Para os estudantes, a oportunidade de formar uma consciência crítica a respeito da realidade na qual passarão a intervir diretamente depois de formados, qualificando não apenas o ambiente, mas a vida dos grupos humanos que nele habitam.

*“Cabe aos arquitetos contemporâneos, necessariamente munidos de telas e celulares, sintonizar seu tempo e decidir se, além de povoá-lo de construções, desejam transformá-lo.”* (SANTOS, 2005, p. 19)

## Referências:

1. BARBOSA, Rinaldo; MANENTI, Leandro. **Quatro livros sobre Palladio**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2008.
2. BARDI, Lina Bo. *In* FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996.
3. BOTTON, Alain de. **A Arquitetura da Felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco Ltda., 2007.
4. COMAS, Carlos Eduardo (org). **Projeto Arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo: Projeto, 1986.
5. DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, Giselle; BRONSTEIN, Laís (org). **O lugar do Projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2007.
6. MONTANER, Josep Maria. **O Arquiteto como sociólogo: Le Corbusier, Louis Kahn, Robert Venturi, Denise Scott Brown e Rem Koolhaas**. *In* PELLEGRINI, Ana Carolina; VASCONCELLOS, Juliano Caldas de. **Bloco(4): o arquiteto e a sociedade**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2008.
7. OLIVEIRA, Rogério de Castro (2000). **Construções figurativas: representação e operação no projeto de composições espaciais**. Tese de Doutorado. 2000.
8. PALLASMAA, Juhani. **Los ojos de la piel**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
9. PELLEGRINI, Ana Carolina. **Laboratório de Projetos: experimentando a arquitetura**. *In*: PELLEGRINI, Ana Carolina; VASCONCELLOS, Juliano Caldas de. **Bloco(1): penso, logo registro**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2005.
10. PONTI, Gio. **Amate l'architettura**. Milano: Rizzoli, 2008.
11. QUARONI, Ludovico . **Proyectar un edificio, ocho lecciones de arquitetura**. Madrid: Xarari Ediciones, 1987.
12. SANTOS, Cecilia Rodrigues dos. *In* FANUCCI, Francisco. **Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz: Brasil Arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.